

# Mídia regional em busca de uma identidade: um jogo de interesses entre a notícia e o folclore

Francisco de Assis\*

## Índice

1 Pontos de partida	1
2 Para entender o folclore	2
3 Uma tradição secular	4
4 Diálogo de saberes	7
5 Análises	8
6 Reflexões e considerações	12
7 Referências bibliográficas	13

## Resumo

Este estudo destina-se a analisar textos publicados pela imprensa do Vale do Paraíba acerca do trabalho das figureiras de Taubaté. Os recursos metodológicos utilizados para a compreensão do fenômeno que contempla a relação entre a imprensa e a cultura regional são as pesquisas bibliográfica e documental e a técnica da entrevista semi-estruturada. As primeiras observações apontam que, embora trabalhem pela construção de uma identidade regional, os jornais analisados

---

\*Pós-graduando em Jornalismo Cultural pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação (NUPEC), na mesma instituição. E-mail: francisco-nupec@uol.com.br

só passaram a se interessar pela arte figurativa após 1979, quando foi realizado um concurso para a escolha do símbolo do artesanato paulista, que concedeu à figureira Cândida Santos o primeiro lugar, ao concorrer com a figura de um pavão.

**Palavras-chave:** Mídia regional, folclore, figureiras, folkcomunicação.

## 1 Pontos de partida

Assumir uma identidade essencialmente regional é, numa visão talvez simplista, o principal desafio para os veículos de comunicação que atuam na contramão da mídia globalizada. E é desafio porque, ao mesmo tempo em que buscam priorizar conteúdos que interfiram diretamente no dia-a-dia dos núcleos em que estão inseridos, jornais, TVs, rádios e outros meios fazem a experiência de um delicado jogo de interesses, no qual o apelo mercadológico da notícia tem peso superior ao das manifestações características de uma região.

No Vale do Paraíba, localizado entre as capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro, uma tradição folclórica existe há mais de um século: trata-se do trabalho das figureiras de

Taubaté<sup>1</sup>, que mesmo tendo sido originada no século 19, por muito tempo permaneceu na bruma do esquecimento e até mesmo a mídia demorou um tempo considerável – como será visto a seguir – para ceder espaço a essa arte genuína.

Os primórdios dessa tradição tão característica do interior paulista foram recuperados, num passado recente, por pesquisadores que se valeram da metodologia da história oral. Documentos preservados também contribuíram para que o assunto fosse explorado com maior fidelidade. Entre eles, os jornais. Na hemeroteca da Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté, as primeiras referências a esse grupo de artesãs são datadas da década de 1960, publicadas numa revista de São Paulo, chamada *Suplemento Feminino*. Dos veículos da região valeparaibana, os primeiros artigos catalogados são da década de 1970.

O objetivo deste artigo<sup>2</sup> é observar a atuação da imprensa do Vale do Paraíba frente às manifestações folclóricas da região. Para isso, foi realizado um levantamento de todo o material disponível no museu mencionado; desse montante, 20 textos, publicados entre os anos de 1977<sup>3</sup> e 2004, foram seleciona-

<sup>1</sup> Denominadas assim, devido à maior parte dos artesãos serem mulheres; porém, atualmente, existem vários homens exercendo o ofício.

<sup>2</sup> Este artigo contribui com o acervo de dados levantados pelo NUPEC, cuja principal linha de pesquisa concentra-se na mídia regional. Parte dos resultados desta pesquisa foi apresentada no 9º Encontro de Iniciação Científica da Universidade de Taubaté, em 2004, sob o título de: “A tradição cultural das Figureiras de Taubaté e sua relação com o jornalismo regional”.

<sup>3</sup> Cabe destacar que um concurso realizado pela SUTACO (Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades), em 1979, para a escolha do sím-

dos para que se pudesse visualizar, com clareza, a imagem das figureiras de Taubaté divulgada pela mídia regional, bem como compreender a relação estabelecida entre a comunicação e o folclore.

A pesquisa é de natureza bibliográfica e documental. Também foi utilizada a técnica da entrevista semi-estruturada para a abordagem junto às figureiras, que revelaram determinados acontecimentos até então não estavam registrados em livros ou em documentos. Também foi feita uma pesquisa qualitativa com as matérias e com os artigos previamente selecionados, tendo em vista o material disponível na hemeroteca da Divisão de Museus de Taubaté<sup>4</sup>.

O trabalho procurou limitar-se apenas às análises de jornais regionais e abordou os veículos *Diário de Taubaté*, *A Voz do Vale do Paraíba*, *ValeParaibano* e *Gazeta de Taubaté*, publicados em Taubaté e em São José dos Campos.

## 2 Para entender o folclore

A palavra folclore foi utilizada, pela primeira vez, em 22 de agosto de 1846, pelo arqueólogo inglês William John Thoms, em uma carta escrita à revista londrina *The Athenaeum*, assinada com o pseudônimo de Am-

bolo do artesanato paulista, cujo primeiro lugar foi conquistado pela figureira Cândida Santos, é considerado o marco principal da história das artesãs. Antes dessa data, as primeiras referências feitas pela mídia regional regionais são de 1977.

<sup>4</sup> Boa parte do material preservado pela Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Taubaté é organizada em pastas temáticas, que facilitam o acesso de pesquisadores e estudantes. Os textos utilizados neste estudo foram encontrados nas pastas “Folclore 1” e “Folclore 2”, em outubro de 2003.

brose Merton. No texto, ele solicita a colaboração do veículo para que, em suas páginas, fosse criada uma coluna sobre fatos populares da Inglaterra. Formado por dois vocábulos do inglês antigo: “folk”, que significa povo, e “lore”, ciência, folclore é, portanto:

a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários, além da sua funcionalidade... O folclore inclui nos objetos e fórmulas populares uma quarta dimensão, sensível ao seu ambiente. Não apenas conserva e mantém os padrões do entendimento e da ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas seqüências ou presença grupal... Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica é folclórico... Onde estiver um homem, aí viverá uma fonte de criação e divulgação folclórica. O folclore estuda a solução popular na vida em sociedade (CASCUDO, 2001, p. 240-241).

Assim, folclore pode ser definido como um conjunto de manifestações populares. Danças, músicas, brincadeiras, culinária e, dentre outros, as cerâmicas utilitária e figurativa, são componentes dessa ciência que tem como base estudar e registrar os costumes e manifestações do povo (PERDIGÃO, 2002).

O Vale do Paraíba Paulista é rico em manifestações folclóricas. Em São Luís do Paraitinga, a festa do Divino Espírito Santo é tradicional e, há décadas, atrai turistas de todo o Brasil. Em Cunha, as panelas, tigelas e outros utensílios criados em argila também chama a atenção de pessoas de todo o mundo. Já na cidade de Taubaté, são as figuras confeccionadas pelas mãos hábeis das

figureiras do Alto da Imaculada, que, além de sua importância cultural e artística, podem ser consideradas um veículo de comunicação popular, pois divulgam a história e a memória da região:

Das heranças ancestrais, uma das mais valiosas é a arte ceramista de numerosos figureiros, que, demonstrando senso artístico, percepção e originalidade, fazem estória no barro. De suas mãos hábeis, vão surgindo figurinhas que retratam tipos e cenas do povo... A rusticidade na técnica, espontaneidade e pureza de concepção caracterizam essa forma de manifestação artística... (ABREU, 1980, p. 25).

Sendo uma ciência relacionada ao povo e à cultura do mesmo, o folclore se faz relevante para a sociedade por ser elemento básico de sua formação cultural. Caracteriza-se pela simplicidade e pelo poder de motivação que exerce junto aos componentes da coletividade. Resulta tanto da invenção quanto da difusão e se define muito mais pela aceitação coletiva do que pela tradição erudita.

A evolução acelerada pela qual a humanidade passa desde a Revolução Industrial provocou várias mudanças no contexto global do século 20. Conforme observa Alves (2001), a sociedade feudal, que tinha como fonte de renda uma economia baseada em agricultura e em trabalhos essencialmente artesanais, passou a ser a sociedade capitalista, cuja economia consiste basicamente na indústria e em grandes produções. Com isso, toda a sua estrutura foi comprometida, desde suas ideologias até seus modos de pensar, agir e ver o mundo.

Dentro desse contexto, nasceu também a “cultura de massa”, que reúne culturas diferentes, unindo, em uma só, a popular e a

erudita. Por isso mesmo, é certo afirmar que a sociedade globalizada, de certa forma, sufoca o folclore, à medida que as classes sociais subdesenvolvidas passam por um processo de desenvolvimento e industrialização – em busca do moderno e do arrojado, ensinado e divulgado pelos meios de comunicação de massa – e deixam de lado a simplicidade das manifestações populares.

A invasão cultural e ideológica de outros países, principalmente dos Estados Unidos, também faz com que as manifestações populares do próprio país sejam deixadas de lado. Igualmente, o folclore nacional muitas vezes não é conhecido pela população que acaba perdendo a força de sua identidade cultural.

De acordo com Alves,

...impregnados da cabeça aos pés, por dentro e por fora, de cultura norte-americana, nós mesmos, brasileiros, mal nos percebemos como reflexos do processo de invasão cultural que estamos sofrendo... Além disso, não conhecemos devidamente nosso passado de modo a ter acesso a outra realidade histórica que possa testemunhar algum “modo brasileiro de viver” que não seja o de nossa cultura invadida. Vazios de lembranças, carentes de passado, culturalmente marginalizados até em relação ao nosso próprio tempo, não sabemos o que fomos, não temos consciência daquilo que nos tornamos... (2001, p. 7).

Devido a tudo isso, o folclore, por articular a concepção de mundo e de vida contrária aos esquemas oficiais, tem a difícil tarefa de sobreviver em meio à cultura globalizada, mostrando-se forte por ser popular.

No Brasil, as tradições populares são importantes no processo de criação cultural brasileira e identidade nacional. [...] Hoje, o

grande problema é a perda de identidade com a sociedade globalizada. Pois, com a influência dos meios de comunicação, o predomínio da cultura de massa, a intensificação do avanço industrial com novas tecnologias, e o turismo como fenômeno de lazer das multidões, novos desafios foram lançados às manifestações folclóricas. Conseqüentemente, abriram novas perspectivas ao estudo dos processos de transformação, aculturação e até mesmo de destruição. É por isso que temos que compreender estas mudanças para nos defendermos dos efeitos da globalização (BREGUEZ, 2002, on-line).

A luta pela sobrevivência em meio aos tempos modernos, mostra ainda mais que as figureiras de Taubaté, ao esculpirem no barro as tradições folclóricas e que fazem parte do cotidiano do homem do campo, contribuem para o fortalecimento das raízes culturais da cidade Taubaté e não permitem a perda da identidade da região.

### 3 Uma tradição secular

A arte de moldar peças em argila, em Taubaté, se iniciou no século 19, por interferência dos frades franciscanos que chegaram à cidade 100 anos antes, época da edificação do Convento de Santa Clara. Atendendo a pedidos desses religiosos, Maria da Conceição Frutuoso Barbosa, personagem comum da população, iniciou a confecção de imagens que compunham o presépio, inspirada em peças importadas da Europa, mas que eram de difícil aquisição pela população de baixa renda.

Em discurso proferido pela vereadora Maria Gorete Santos de Toledo, em 22 de agosto de 2005, a história da pioneira das figureiras de Taubaté foi relatada da seguinte forma:

Em 1º de novembro de 1866, nasceu nesta cidade Maria da Conceição Frutuoso Barbosa, que viria a ser um marco na arte das figuras de argila, ficando famosa pelas peças que fazia, ajudante a consolidar a nomenclatura “figureiras” para as mulheres que desenvolviam essa atividade na cidade. Sua família foi uma das primeiras a se dedicar à fabricação de figuras para presépios. Ela pertencia à Ordem Terceira do Convento de Santa Clara e foi considerada uma das mais devotas religiosas do Vale do Paraíba. Conseguiu junto aos Frades do Convento Santa Clara a doação da imagem de Nossa Imaculada Conceição praticamente destruída e que seria jogado fora como entulho. Levou os pedaços em carro de boi para sua casa, onde mercê de seus problemas físicos, pois tinha as mãos trêmulas em virtude de hanseníase, restaurou totalmente a imagem em 6 de setembro de 1906 [...] Levantou uma igreja na mesma época (1909) e assim deu início à Comunidade de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. A imagem se encontra na nova capela levantada em seu louvor, no mesmo lugar da anterior, que caiu durante um forte vendaval em 1982. Maria da Conceição morreu em 26 de agosto de 1950, em um internato para leproso, no Rio Grande do Sul, mas a sua tradição prossegue [...] até hoje.<sup>5</sup>

Conta-se que a principal obra de Maria da Conceição foi a restauração da imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. A pioneira das figureiras usou a argila das margens do Rio Itaim para consertar a santa, dando início a uma tradição que parece ser mais uma herança portuguesa do que indí-

<sup>5</sup> Discurso proferido pela vereadora Maria Gorete Santos de Toledo, em 22 de agosto de 2005, durante solenidade em comemoração ao Dia do Folclore, realizada na Casa do Figureiro (Taubaté-SP).

gena ou africana, conforme apontam os estudos de Abreu (1980).

No primeiros tempos, as figureiras eram divididas em grupos. As mais habilidosas, conhecidas como “santeiras”, faziam as imagens dos santos do presépio (Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus), enquanto as outras faziam os animais (o burro, a vaca, carneiros e o pavão, conhecido na região como “galinho do céu”). Assim, a tradição foi passada de geração a geração, aumentando, cada vez mais, o número de artesãos que se dedicam a arte de utilizar o barro para criar situações e retratar o cotidiano do povo do interior.

Muitas famílias, com menos posse ou mais habilidade manual e gosto artístico, faziam suas figurinhas de madeira ou de barro, fato que também foi se tornando tradição na cidade. Ainda hoje em Taubaté e no Vale do Paraíba, a temática preferida na cerâmica popular continua sendo a das figuras natalinas (ABREU, 1980, p. 27).

Legada de geração a geração, essa obra resiste aos tempos modernos, ao retratar cenas do cotidiano do interior, animais, figuras religiosas etc. Porém, a cada dia, esse trabalho é inovado e, com criatividade, passa a retratar personalidades de destaque na mídia, como cantores, atores e modelos.

As figureiras utilizam o barro para confeccionar seus trabalhos, modelam delicadamente com os dedos e usam ferramentas improvisadas para dar acabamento, como facas, palitos de dente, estiletes, arames e outros.

A argila ou barro, como dizem os figureiros, é matéria-prima abundante no Vale do Paraíba. Resultou da intensa sedimentação processada na Era Terciária, quando no Vale do

Paraíba paulista, formou-se extensa lagoa de água doce... A tradição ceramista cristã e a facilidade do barro, parecem explicar a existência e continuidade da arte figurativa a que se dedicam, em Taubaté, dezenas de famílias e figureiros isolados, numa bela e tradicional expressão artística (ABREU, 1980, p. 28).

Das famílias que se dedicam à arte figurativa, destaca-se a das irmãs Luiza Santos Vieira, Cândida Santos e Edith Alves dos Santos, já falecida (1927-1998), as mais antigas e conceituadas figureiras de Taubaté. Elas aprenderam a arte de modelar o barro com o pai, com a mãe e com as tias, e também ensinaram o ofício às novas gerações.

Luiza e Cândida residem em uma casa simples da Rua Imaculada e utilizam um rancho nos fundos da residência para produzir seus trabalhos, que depois são exportados para várias partes do mundo. No ateliê, encontra-se um quadro com a foto do folclorista Rossini Tavares de Lima, falecido em 1987, grande incentivador da arte figurativa em Taubaté. Foi ele quem organizou, em 1964, no Parque Água Branca, em São Paulo, a primeira exposição dos trabalhos das figureiras, e motivou a tomada de outras medidas de incentivo e reconhecimento ao artesanato regional, conforme afirma Luiza:

Ele era diretor do Museu do Folclore, em São Paulo. Ele era mocinho e lembro que levou a gente para a primeira exposição que nós fizemos, no Parque da Água Branca, em 1964. Depois, já foi aumentando o conhecimento das pessoas sobre as nossas peças, porque ele levava a gente para expor em vários lugares e também trazia escolas até a nossa casa para conhecer nosso trabalho.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Depoimento concedido por Luiza Santos Vieira, em 22/09/2003.

Em 1979, a SUTACO (Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades) promoveu um concurso para a escolha do símbolo do artesanato paulista e, em meio a 600 peças, a figureira Cândida tirou o primeiro lugar, com o pavão – peça de sua autoria – que, a partir de então, passou a representar o folclore do Estado de São Paulo.

Além do pavão tradicional, que concorreu ao concurso, Cândida deu novas formas ao animal, criando o pavão com a cauda caída (pavoa), em relevo, com penas arrepiadas e a chuva de pássaros. Luiza criou a Arca de Noé, várias danças (da fita, quadrilha, moçambique, jongo...), dezenas de “trabalhadeiras” (lavadeiras, passadeiras, cozinheiras...) e outros. A famosa imagem de Nossa Senhora das Flores é criação de Edith, que foi inspirada em uma antiga reza à Virgem Maria que aprendera com o pai; são também de sua autoria o São Francisco Ecológico e os presépios em miniatura, que costumava confeccionar nas proximidades das festas natalinas.

Após anos de luta das figureiras, em 5 de dezembro de 1993 – por ocasião do aniversário da cidade –, foi fundada a “Casa do Figureiro”, um espaço mantido pela prefeitura municipal, onde os artesãos podem realizar seus trabalhos e expô-los para possíveis compras.

No local há um grande salão onde são expostas e comercializadas as peças dos artistas. Existe uma oficina que é também aproveitada para a realização de cursos dirigidos para a comunidade, ministrados pelo SEBRAE, pela UNITAU, que ensina inglês para que as figureiras possam melhor atender aos visitantes estrangeiros, e pela SUTACO, órgão do governo estadual que promove e in-

centiva o artesanato paulistano (WANDECK, 2002, on-line).

Os artesãos ligados à Casa do Figueiro possuem uma convivência marcada por grande amizade, transformando o espaço em uma verdadeira cooperativa, podendo, assim, atender a algumas demandas que ultrapassam o número de mil peças.

Anualmente, no mês de agosto, o bairro Imaculada promove a tradicional Festa do Folclore, na qual se apresentam grupos folclóricos, quadrilhas, folias de reis, atraindo, para o alto da cidade, pessoas que buscam conhecer a cultura e a alegria desse povo.

#### 4 Diálogo de saberes

Se folclore é tudo aquilo que diz respeito ao popular, às culturas de um povo, também é certo que essa ciência tem espaço no campo da Comunicação Social, mais especificamente no jornalismo, cuja principal objetivo é alcançar as diversas classes sociais, na missão de informar e interagir.

Nos meios de comunicação regionais, aqueles que dão ênfase e valor ao cotidiano local, pode-se encontrar o folclore como um mediador entre os veículos de comunicação e a população. Jornais e revistas apresentam artigos e reportagens incentivando as manifestações folclóricas e a cultura da região e se valem dessa cultura para sua própria sobrevivência.

A união do folclore com a comunicação se dá na divulgação das manifestações populares, com a disseminação de suas histórias às diversas classes. O folclore torna-se um elemento de comunicação de várias formas, como em uma fábula que a professora conta a seus alunos, com a finalidade de dar-lhes

uma lição (comunicação oral), ou no pára-choque de um caminhão, no qual estão pintadas as famosas frases (comunicação escrita), e até mesmo na “malhação do Judas”, por ocasião do sábado de aleluia (comunicação gestual).

Porém, alguns teóricos observam a difícil tentativa de sobrevivência do folclore na atualidade, como é o caso do pesquisador Sebastião Berguez, que afirma o seguinte:

O rádio, a televisão, o cinema, o jornal, as revistas, a publicações em geral estão matando o folclore na medida em que as camadas populares têm acesso aos meios de comunicação [...] onde as condições pré-capitalistas de existência, as estruturas sociais arcaicas, o analfabetismo, o pauperismo, a sub-higiene, a fraca alimentação vão sendo substituídas por condições mais compatíveis com a dignidade humana (BREGUEZ, 2003, on-line).

Oprimido ou não pela modernidade, o folclore continua a reunir a sabedoria do povo, e a comunicação trata-o com especial dedicação, por meio de outra ciência que serve de apoio para a sua divulgação e permanência: a folkcomunicação, “ciência que estuda o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opinião, idéias e atitudes do povo, através de agentes e meios ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p.24).

A teoria da folkcomunicação foi elaborada em 1960 pelo jornalista Luiz Beltrão, com o objetivo de analisar os impactos comunicacionais das manifestações populares na sociedade. Ao longo dos anos, tornou-se parte importante da comunicação, chamando a atenção de vários pesquisadores da área, que trabalham para a divulgação da cultura do povo.

A proliferação de estudos e pesquisas na área de folkcomunicação, que estuda a interface

que une a Comunicação e o Folclore (Cultura Popular), com o intuito de oferecer condições para uma reflexão permanente e aprofundada da repercussão do folclore na mídia, fez com que as principais instituições nacionais e internacionais de Ciências da Comunicação criassem Núcleos e/ou Grupos de Pesquisas nesta área... A folkcomunicação, assim, se dedica ao estudo do processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa através dos agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore (BREGUEZ, 2002, online).

Apesar da preocupação de alguns profissionais da área, o folclore nem sempre foi considerado como indício de comunicação e, até hoje, algumas pessoas o tratam como algo sem grande importância. Contudo, já na década de 1930, importantes nomes como Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Rossini Tavares de Lima, dentre outros, começaram a dar a devida atenção a esta ciência que estuda o popular. Fizeram pesquisas, divulgaram trabalhos, sempre valorizando a cultura popular brasileira.

Nos anos 1960, com o advento da folkcomunicação, surgiu uma nova visão da cultura popular. O domínio dos meios de comunicação de massa fez com que novos pesquisadores levassem em conta, além das expressões, os anseios do homem simples brasileiro. Segundo Luyten (1988), os estudiosos procuraram entender o folclore como expressão de uma conscientização progressiva e não como algo que simplesmente merece ser notado e conservado. Daí o valor da divulgação e proliferação das manifestações populares, para que haja um resgate das raízes culturais do Brasil.

## 5 Análises

Antes do relato das observações realizadas durante esta pesquisa, é importante explicar que no material encontrado na hemeroteca da Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico da Prefeitura de Taubaté não consta conteúdos jornalísticos sobre as figureiras nos exemplares do século 19 e do início do século 20. Nessa época, as notícias que compunham os jornais eram relacionadas a editorias como política, saúde e esporte, sendo que raramente algum teor cultural era publicado.

Na década de 1950 é que as primeiras matérias sobre cultura, arte e folclore começaram a fazer parte das editorias dos jornais da região, mas em pequena escala. No dizer da paleógrafa da Divisão de Museus, Lia Carolina Prado Alves Mariotto, isso se dá porque, antes do concurso realizado pela SUTACO, a própria imprensa, assim como a população, não tinha conhecimento da arte figurativa existente na cidade:

A população de Taubaté só vai ter conhecimento sobre o trabalho das figureiras depois que o pavão se torna símbolo do artesanato paulista. É aí que as pessoas e a imprensa começam a destacar o trabalho das figureiras, mas antes disso era como se aquele grupo de artesãs não existisse, pela falta de representatividade no cotidiano da sociedade taubateana do início do século 20.<sup>7</sup>

Os primeiros registros em impressos, sobre as figureiras, datam-se da década de 1960 e, a partir das décadas subseqüentes, a divulgação desse trabalho tornou-se rotineiro na imprensa, especialmente no mês de agosto –

<sup>7</sup> Depoimento concedido pela paleógrafa Lia Carolina Prado Alves Mariotto, em 20/08/2003.



dedicado ao folclore –, conforme poderá ser observado nas análises.

Segue abaixo a pesquisa qualitativa feita com o material selecionado. Em cada tópico, encontra-se o título do texto, o veículo e a data de publicação. Posteriormente, está o comentário sobre todo o conteúdo. Vale ressaltar que as matérias e artigos foram divididos em três partes, relacionadas ao concurso citado anteriormente.

**\* Antes do concurso**

**A riqueza do folclore brasileiro em um bairro de Taubaté. Alto de São João**

Diário de Taubaté, 13/03/1977

A matéria focaliza o Alto de São João como principal reduto do folclore brasileiro em Taubaté, citando as figuras folclóricas da região. Nota-se que, em nenhum momento, o autor faz referência às figureiras, somente comenta a Rua Imaculada como pertencente ao bairro folclórico.

**A Semana do Folclore no Vale**

Diário de Taubaté, 23/08/1977

A matéria relata a sobrevivência do folclore no Vale do Paraíba, focalizando as cidades de São José dos Campos, Pindamonhangaba, Jacareí e Taubaté. Faz referência aos costumes locais e ao trabalho das figureiras, porém não cita as irmãs Santos. Em um trecho, demonstra preocupação com o desaparecimento dos artesãos devido ao progresso ou à falta de estímulo a seu trabalho.

**Taubaté presente na III exposição de folclore de Brasília**

A Voz do Vale do Paraíba, 13/12/1978

A matéria fala sobre a montagem da exposição, enfatizando o trabalho de Edith, como

a representante de Taubaté. Faz referência também as suas irmãs, ao processo de confecção das peças, ressaltando a importância da atuação de Edith para a cultura regional.

**\* O ano do concurso**

**As mãos dos figureiros moldam os tipos populares**

ValeParaibano, 05/12/1979

A matéria conta como a arte figurativa é trabalhada na cidade há séculos. Enfatiza o trabalho das irmãs Luiza, Cândida e Edith, contando sua história, desde os tempos em que vendiam no mercado municipal, por volta de 1936. Assim, valoriza a arte das figureiras, contando que suas peças são enviadas para o mundo todo. Em um trecho, ressalta que a primeira exposição, realizada em São Paulo, no ano de 1968, foi o marco da divulgação do artesanato das figureiras.

**\* Após o concurso**

**Amália Lucy Geisel veio a Taubaté, pela Funarte, ver as figureiras**

A Voz do Vale do Paraíba, 31/10/1980

A matéria publicada um ano após o concurso fala sobre a arte das figureiras que atrai personalidades para Taubaté. A personagem da reportagem é Amália Lucy Geisel, filha do ex-presidente da república Ernesto Geisel, que esteve em Taubaté, pela Funarte (Fundação Nacional de Arte), para adquirir obras para o acervo da instituição. Cita as irmãs Santos e algumas outras figureiras. O texto finaliza com a informação de um pedido de confecção de dezenas de peças que deixaria as artesãs trabalhando durante alguns anos somente para a Fundação.

### **Taubaté mostra, no Pilar, a arte das figureiras da Imaculada**

ValeParaibano, 09/12/1981

A matéria fala sobre uma exposição realizada no museu de Arte Sacra de Taubaté, que estava fechado há vários anos e reabriu suas portas especialmente para a mostra das figureiras. Cita as irmãs Cândida e Edith e traz fotografia de diversos pavões. Ressalta que a exposição é realizada em comemoração ao 336º aniversário da cidade.

### **Presépios, a tradição do Natal**

ValeParaibano, 20/12/1981

A matéria aponta a tradição valeparaibana da montagem do presépio nas proximidades do natal. Assim, faz referência aos presépios confeccionados pelas figureiras da Rua Imaculada e da grande procura por essas peças. Cita a figureira Cândida como autora do pavão, peça símbolo do artesanato paulista, e suas irmãs, Edith e Luiza, que são as mais procuradas pelos compradores.

### **Figureiras ameaçadas de parar pelo alto preço do material**

A Voz do Vale do Paraíba, 18/06/1983

A matéria focaliza a preocupação do Departamento de Educação e Cultura de Taubaté com a matéria-prima utilizada pelas figureiras (a argila). As artesãs estavam comprando esse material por um preço elevado. Anteriormente, obtinham a matéria-prima gratuitamente. Revela, ainda, as propostas do Departamento para solucionar o problema e ressalta que esse trabalho deve ser preservado por se tratar de um patrimônio artístico da cidade.

### **Uma Exposição de Pavões**

Diário de Taubaté, 22/11/1986

Pequena nota que divulga uma exposição realizada em São Paulo, somente com réplicas da figura do pavão, confeccionados por diversos figureiros, de diferentes estilos e tamanhos. O autor ressalta que o talento das figureiras é divulgado para os apreciadores da capital.

### **Arte popular poderá acabar**

ValeParaibano, 26/06/1983

A matéria fala do problema da falta de argila, enfrentado pelas figureiras. O destaque no início da redação é atribuído à Cândida e ao concurso que ela venceu com a figura do pavão, transformado no símbolo do artesanato paulista. Posteriormente, cita as irmãs e outros figureiros da rua Imaculada.

### **Notas Culturais**

Diário de Taubaté, 14 e 15/08/1993

O artigo, publicado no mês do folclore, valoriza as tradições culturais de Taubaté e relata o trabalho das figureiras, que levaram o nome da cidade para o mundo. O destaque maior é dado às irmãs Santos e às criações, especialmente o pavão, figura que se tornou conhecida após o concurso da SUTACO. Cita também as exposições realizadas na cidade durante o mês de agosto.

### **Taubaté tem a Casa do Artesão**

Gazeta de Taubaté, 2/10/1993

A matéria divulga o espaço construído pela prefeitura para abrigar o trabalho dos figureiros. Cita a infra-estrutura montada no local e os planos para a utilização desse espaço pelas escolas da cidade. Ressalta ainda que as peças são confeccionadas exclusivamente por artistas taubateanos.

**Casa das Figureiras e dos Artesãos**

Diário de Taubaté, 05/12/1993

A matéria relata a inauguração da Casa do Figureiro, por ocasião do aniversário de Taubaté. Ressalta o papel desempenhado pelas figureiras na transmissão da cultura taubateana para todo o país. Cita o pavão, símbolo do folclore paulista, e sua criadora, Cândida.

**A Cultura Popular no Vale do Paraíba**

Diário de Taubaté, 23/08/1994

O artigo focaliza as manifestações folclóricas do Vale do Paraíba e ressalta a Festa do Folclore, que acontece, anualmente, na Rua Imaculada, onde são confeccionados os conhecidos pavões ou galinhos do céu. Afirma a necessidade de estudos aprofundados e estímulo e incentivo para a continuidade do trabalho das figureiras.

**O Folclore em Taubaté**

Diário de Taubaté, 09/08/1997

A matéria especial, de página inteira, trata do mês do folclore e cita a tradição local de Taubaté como originada no século XVII, conforme relatos orais. Cita a obra da Profa. Maria Morgado de Abreu, *Aspectos do Folclore em Taubaté*, e posteriormente dispensa elogios às irmãs Santos (Cândida, Luiza e Edith), ressaltando que seu trabalho promove o nome de Taubaté há várias décadas. Durante todo o texto, o autor se refere às figureiras como “as três irmãs” e não deixa de citar o prof. Rossini Tavares de Lima, principal incentivador das figureiras. Fala também sobre o concurso vencido por Cândida, em 1979, e as novas gerações que aprendem o ofício com as irmãs.

**Casal Clinton é presenteado com trabalhos das figureiras de Taubaté**

A Voz do Vale do Paraíba, 17/10/1997

A matéria fala do trabalho das figureiras, que ultrapassa os limites do país, quando o então presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, presenteou o casal Bill e Hillary Clinton com algumas peças confeccionadas pelas figureiras. Informa também que a primeira dama do país, na época, Ruth Cardoso, foi quem encomendou esses trabalhos e que tomou conhecimento da arte das figureiras por intermédio de alunos da UNITAU, participantes do projeto “Universidade Solidária”, que a presentearam com uma “Arca de Noé”.

**Figureiras de Taubaté**

A Voz do Vale do Paraíba, 05/12/1997

O artigo narra a trajetória das irmãs Edith, Luiza e Cândida, como as principais figureiras da cidade e suas produções, ressaltando a figura do pavão, como uma das figuras mais “sugestivas” e a preservação da religiosidade por meio desses trabalhos, fortificando a identidade da população do Vale do Paraíba.

**Figureiras de Taubaté têm 200 pedidos para o Natal**

ValeParaibano, 17/12/2000

A matéria aborda a grande procura por presépios na época do natal e o ritmo acelerado de trabalho das figureiras. O autor cita uma nova figureira, Josiane Sampaio, além das irmãs Santos (Cândida e Luiza, pois na ocasião Edith já havia falecido). Além de divulgar o produto confeccionado pelas artesãs (presépios), a redação ressalta o árduo trabalho para que os pedidos sejam atendidos.

### **Vale é rico em manifestações culturais**

Diário de Taubaté, 18/08/2001

A matéria, de página inteira, com várias retrancas desdobrando os aspectos folclóricos do Vale do Paraíba, ressalta a arte figurativa em Taubaté, que teve origem no Convento de Santa Clara, e o valor das peças confeccionadas pelas figureiras. Cita também a Rua Imaculada e a Casa do Figureiro, como concentração da arte folclórica.

### **Cauda de Pavão**

ValeParaibano, 11/02/2004

A matéria fala da diferença entre os pavões confeccionados em Taubaté e em São José dos Campos. Cita o concurso vencido por Cândida e conta como a arte de confeccionar pavões chegou a São José dos Campos.

## **6 Reflexões e considerações**

Estudar a influência do folclore na comunicação é quase uma obrigação, em regiões como o Vale do Paraíba, onde a mídia sobrevive basicamente com a divulgação de fatos que refletem diretamente na realidade do povo que os circunda. E para se entender esse processo, se fez necessária uma visita à história das manifestações culturais de tal localidade, marcada por ricas tradições seculares.

É certo afirmar que o jornalismo regional tem grande interesse nas manifestações populares, uma vez que elas sempre são temas de matérias, entrevistas, reportagens etc. Em jornais regionais, é possível observar que, em cada edição, pelo menos um texto é relacionado a um fato folclórico, seja ele sobre a Folia do Divino, sobre o Grupo de Dança

de São Gonçalo, sobre a Folia de Reis ou sobre a arte das figureiras de Taubaté.

As observações levam a crer que essa produção midiática retrata o folclore sempre de maneira positiva e engrandecendo-o. Os veículos de grande porte, como é o caso do jornal *ValeParaibano*, que circula em 41 cidades – incluindo Litoral Norte, Serra da Mantiqueira e Sul de Minas –, acabam por derubar barreiras e mostram a cultura regional para os mais variados grupos de pessoas.

O trabalho das figureiras, como bem alertava Victor Hugo, é fruto da pureza da alma de uma criança. É realizado com todo o coração e, por isso, sobrevive há tanto tempo. Superando vaidades pessoais, as artistas da argila de Taubaté se organizaram e vendem em conjunto o seu trabalho, dando um exemplo de como a arte popular pode sobreviver na atual sociedade globalizada se juntar três fatores: talento – que as figureiras têm de sobra –, criatividade – que permite infinitas variações sobre temas tradicionais – e amor a própria atividade – atitude artística que permite às figureiras de Taubaté ter um espaço assegurado em qualquer compêndio que trate do artesanato paulista, nacional e internacional (D'AMBROSIO, 2003, on-line).

Os estudos elaborados a partir dos textos apresentados apontam que os jornais se interessam, principalmente, pelas “irmãs Santos” e pela figura do pavão, que viraram referência dentre todo material recolhido. A maneira como se referem às artesãs mostra que o concurso da SUTACO é realmente o ponto mais destacado pela imprensa. Anteriormente a este marco, as matérias citavam o grupo apenas como “figureiras”; posteriormente, passaram a nomeá-las como “figureiras da Imaculada”. Após algum tempo,

quando o interesse de pessoas de várias partes do mundo pelas peças aumentou, passaram a tratá-las como “figureiras de Taubaté”, no intuito de associar o nome da cidade à tradição preservada por elas.

É importante citar que as visitas de personalidades a Taubaté para conhecer trabalho das figureiras, como a da filha do ex-presidente Ernesto Geisel, também chama a atenção da imprensa, que prioriza esses fatos, da mesma forma que repercute acontecimentos expressivos, como quando o casal Clinton foi presenteado com peças feitas na cidade.

Observa-se, portanto, que o objetivo maior dos veículos de comunicação é divulgar aquilo que é destaque e facilmente identificado pelos receptores. Por isso mesmo, ainda se pode acentuar que divulgar a arte das figureiras é uma forma de fortalecer a própria identidade da imprensa regional, muito embora as artesãs só tenham entrado na pauta dos jornais após o acontecimento de um fato considerado suficientemente relevante para compor o cenário midiático.

## 7 Referências bibliográficas

- ABREU, Maria Morgado de. *Aspectos do folclore em Taubaté*. Taubaté: Prefeitura Municipal de Taubaté, 1980.
- ALVES, Júlia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. 34. ed. São Paulo: Moderna, 2001.
- BELTRÃO, Luís. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.
- BREGUEZ, Sebastião Geraldo. *Comunicação, folclore e globalização*: os meios de comunicação de massa estão destruindo o folclore ou a sociedade está sendo formada por uma só cultura? Disponível em: <<http://www.igutemberg.org/breguez28.htm>>. Acesso em: 14 set. 2003.
- BREGUEZ, Sebastião Geraldo. *Folclore na Era da Globalização*. Disponível em: <<http://www.brasaus.org/current/ejornais/breguez.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.
- D'AMBROSIO, Oscar. *Figureiras de Taubaté*. Disponível em: <[www.artcanal.com.br/oscardambrosio/figureiras.htm](http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/figureiras.htm)>. Acesso em: 20 set. 2003.
- LUYTEN, Joseph M. *Sistemas de comunicação popular*. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).
- PERDIGÃO, Antonio. *Folclore*. Disponível em: <<http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/index.html>>. Acesso em: 09 ago. 2002.
- WANDECK, Renato. *As Figureiras de Taubaté*. Disponível em: <[www.ceramicanorio.com/artepopular/figureirastaubate.htm](http://www.ceramicanorio.com/artepopular/figureirastaubate.htm)>. Acesso em: 09 ago. 2002.